

Santa Maria Madalena, pecadora convertida e apóstola dos apóstolos

(22 de Julho)

Lat.: Magdalena. Fr. Arc.: Magdelaine, Magdeleine, Madelon. Fr.: Madeleine. It.: Maddalena. Ingl.: Magdalen, Maud. Al.: Magdalena, Magda.

LEGENDA E INTERPRETAÇÕES DO EVANGELHO

A origem

A Bem-aventurada Maria Madalena, espelho de penitência, discípula aos pés de Cristo e apóstola dos Apóstolos do Senhor. Foi irmã de Lázaro e Marta e eram nobres, ricos e influentes. Seu Pai, diz Santo Antonino (1389-1459), Arcebispo de Florença, chamar-se-ia Sito e a sua Mãe Eucaria. Após a morte dos pais, os filhos distribuíram os muitos bens que herdaram de seus Pais. A Lázaro coube grandes herdades e possessões, a Marta a Villa de Betânia, próxima de Jerusalém e a Maria o Castelo de Magdala, na Província da Galileia.

S. Lucas, evangelista pinta, para nós, as suas lágrimas e a sua penitência.

Os Doze estavam com ele, como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios... (Cfr. Lc 8, 2).

Antes de se converter e acolher aos pés do Senhor, era pecadora mulher pública. E, deste parecer, muitos afirmam que, como Madalena era nobre, rica e moça, formosa e de nobre condição, usando mal da liberdade, após o finamento dos pais, começou a dar-se a práticas de diversão e desejo, a actos e conversas de galãs e moços levianos. No princípio, apenas por passatempo, mas, depois, por deleite sensual. Pois que os vícios não entram de golpe na alma, mas pouco a pouco, sem advertir, até que se tenham apoderado dela. Assim cresceu, tanto e em tal grau o mal nela que, a cidade inteira, em que vivia, estava escandalizada e, por isso, a chamava Pecadora. E, notava-se tanto a sua má vida, como sinal de grande perdição, não porque fosse mulher pública, mas sendo mulher nobre e importante, era escândalo e laço de Satanás para perdição de muitos que se entregavam ao seu convívio e conversação. S. Marcos e S. Lucas refere que o Senhor fez sair da Madalena sete demónios, sem dizer quando. E, alguns Santos entendem que, por sete demónios, todo o género de pecados e vícios, e, com eles, aqueles duros e cruéis demónios que lhe atormentavam a alma.

Para livrá-la, a primeira coisa que o Senhor lhe fez foi preveni-la e iluminá-la, com um raio de luz da sua infinita misericórdia, para que, vendo a fealdade e abominação da sua alma, e como tão afastada estava do caminho e tão atolada no lodo e imundície das suas torpezas, desejasse sair dela e entrar na senda direita e aprazível da virtude, lavando, com lágrimas, as manchas dos seus pecados. E, como ovelha desgarrada, voltasse ao seio do seu doce Pastor. Este raio de luz foi tão poderoso que penetrou o coração desta pecadora. E de tal modo que, desprendendo-se daquelas trevas espezas e horríveis que a cercavam, lhe abriu os olhos para que visse a sua fealdade e aquele abismo profundo de vícios, em que estava fixada, e que, com aborrecimento e confusão tão estranha, já não podia suportar. E, contudo, com a esperança certa de encontrar remédio no Salvador e medicina para as suas chagas que, indo ter com ele, a ressuscitaria da morte para a vida.

Ferida, pois, com uma aguda seta, flechada pela mão daquele Senhor, que tinha vindo ao Mundo para procurar e remediar os pecadores, foi ter com ele, do modo como narra o Evangelista S. Lucas (Lc. 7, 37-39). Diz que um Fariseu chamado Simão, O tinha convidado para uma refeição que o Senhor aceitou, por ter oportunidade de o conquistar e ensiná-lo, e dar-lhe, bem como aos outros convidados, doutrina e outro manjar divino, e, com o exemplo desta pecadora, despertá-los, e movê-los à penitência e mostrar que era o Deus verdadeiro e podia perdoar pecados.

Sabendo, por isso, esta mulher pecadora, que o Salvador estava a comer, em casa do Fariseu, sem esperar mais, tempo e lugar, porque o amor e a dor a traziam fora de si –, tomou um vaso, com um unguento precioso nas mãos, e entrou na casa do Fariseu e, por grande vergonha e confusão que tinha dos seus pecados, não se atreveu a aparecer diante dos olhos

de Cristo, mas volteando-o pelas costas, abaixou-se a seus pés. Aí começou a derramar tão copiosas lágrimas que foram suficientes para regar os pés do Senhor. E, de seguida, os enxugou com os cabelos da sua cabeça. E, não contente com tal, começou a beijá-los e a ungi-los com um precioso unguento, de modo que, de tudo o que tinha sido instrumento pecado, transformou em remédio contra o pecado. Dos olhos altivos, dissimulados e enganosos com que, antes, cativava as almas, tornou-os fontes para lavar as manchas da sua. Dos cabelos, fez lenço para limpá-los. Da boca, fez porta-paz para receber a de Cristo. E do unguento que, antes, servia para multiplicar os pecados, fez remédio para os curar, ungiendo a Cristo e livrando-se do fedor da sua má vida.

Feriu o Caçador Divino, a Corça lasciva e desmandada

E ela, ferida e sedenta correu à fonte das águas vivas, à procura da mesma mão que a havia ferido; porque só essa a podia sanar e refrescar. Ela veio e o Senhor a recebeu, porque era ele mesmo que a trazia e a tinha ferido para que viesse. E enquanto chorava, lavava, enxugava, beijava e ungia os pés do Senhor, ao mesmo tempo, o Senhor trabalhava na sua alma, interiormente, o que ela realizava exteriormente. Pois que ele oferecia o seu sangue por aquela pecadora, para lavar os seus pés e os afectos imundos e desviados e a adornar com as vestes da virtude e lhe dar o ósculo da paz, e a ungi-los com o unguento precioso da sua graça. Desse modo se vê a inestimável benignidade do nosso Deus, que assim previne o pecador. E a eficácia da sua graça, que troca os corações de um modo tão estranho, como o fez com o coração desta pecadora. Pois não a deixou sossegar, nem considerar se, para chorar os seus e fazer penitência, aos pés do Senhor, seria tempo oportuno o do meio-dia, se lugar cómodo o do convite, e se o propósito ou conveniência, a multidão dos convidados, o fausto e o sobrolho dos Fariseus. E, não podendo aguardar, sequer uma hora mais, aquele assunto e procurar sozinha, sem testemunhas, Cristo, a veemência da dor e o espanto de si mesma, de tal maneira ocuparam o seu entendimento, que já não podia atender, a não ser apenas à grandeza do seu perigo.

Importa sublinhar muito (como o advertiu expressamente S. Crisóstomo) que a Madalena foi a primeira que veio ter com o Senhor, para buscar o remédio para os seus pecados, e a saúde eterna para a sua alma, como não se diz de outros. Porque não veio como a Cananea, para que livrasse a sua filha do demónio, que a atormentava corporalmente, nem o Centurião, para que curasse o seu criado paralítico, nem o Funcionário Real, para que prolongasse a vida do seu filho, nem o Chefe da Sinagoga, Jairo, para que ressuscitasse a sua filha já defunta, nem outros, que, de todas partes vinham, para que os curasse. Não veio por interesse e bens temporais. Mas para chorar os seus pecados, para remédio da sua alma, para alcançar perdão daquele Senhor, a quem tanto havia ofendido, testificando com seus soluços, suspiros e lágrimas, a dor grande, que lhe trazia o coração trespassado, e esperando que, o mesmo Senhor que era Jesus e Salvador dos pecadores, a havia de perdoar e recebê-la em sua graça e amizade. E, com esta confissão feita com obras, não apenas com palavras, honrou a Cristo de sobremaneira na presença dos Fariseus, que eram seus inimigos. E, como soberbos e hipócritas, começaram a desdenhar dela que conheciam por pecadora pública, e a ter em menos consideração a Cristo, e a julgar, que não devia ser Profeta, pois que por ela se deixava tocar. Não entendendo que, porque era verdadeiro e santo Profeta, Mestre e iluminador de todos os Profetas, deixava-se tocar por ela, para a transformar de pecadora, em santa, de mulher infame, em gloriosa e de escrava do demónio, em filha sua predilecta. E assim fez, respondendo por ela ao Fariseu, que o havia convidado. Repreendeu-o, porque, tendo recebido maiores dons de Deus, tinha sido menos agradecido. E dando à Madalena um jubileu pleníssimo e remissão de todos os seus pecados e enviando-a com paz e alegria para casa, como conta o Evangelista S. Lucas (cfr. Lc. 7, 36-38. 44-50). A Madalena ficou muito agradecida ao Senhor, por lhe ter perdoado os seus pecados e dado a paz e o sossego à sua alma desconsolada e afligida.

E, para o servir, por esta tão grande misericórdia e mercê, determinou a empregar, desde então, todo o seu caudal, a sua pessoa e haveres, ao seu serviço e não se afastar um

ponto (tanto quanto lhe fosse possível) dos olhos daquele Senhor, que tão benignamente a tinha olhado e dado vida com seu olhar. Para isso, quando o Salvador ia pregando, de aldeia em aldeia e de cidade em cidade, ela, com outras santas mulheres o seguia e, com suas esmolas, o sustentava e dava de comer, a ele e aos seus discípulos. E, esquecida da comodidade e conforto que em sua casa tinha, ia por caminhos, com trabalhos e cansaço.

Tinha-se por ditosa e bem-aventurada, porque podia servir, com alguma coisa, o Senhor e aqueles pobres Pescadores, que o seguiam. Porque, embora parecessem vis e sendo desdenhados pelos homens, a seus olhos eram gloriosos e felicíssimos, por ser Discípulos do seu doce Mestre, e estar tão próximos da fonte da vida, da qual desejava sempre beber.

Esta mesma sede de ouvir sempre o Senhor, e aquele amor tão cordial e afectuoso, que lhe tinha, foi motivo, também, para que o hospedasse com a sua irmã Marta, em sua casa de Betânia. Estando a irmã tão ocupada e solícita em preparar a refeição e deliciar o Senhor, ela estava sentada a seus pés consolando-se com as suas palavras e pacificando a sua alma com o alimento de vida, que o Senhor lhe dava. Porque estava tão ferida e abrasada do seu amor, tão absorta e transportada nele e tão esquecida de si e de todas as coisas do mundo, não podia afastar-se daqueles pés que banhara com as suas lágrimas.

E, como Marta, sua irmã, andasse ansiosa e solícita, ocupada inteiramente em preparar o necessário e visse Maria tão descuidada e ociosa, queixou-se dela ao Senhor, porque a deixava só no trabalho e se entretinha a ouvir as suas palavras. Mas o Senhor que tinha defendido Madalena do Fariseu, também a defendeu das queixas da sua irmã e respondeu: *Marta, Marta, tu andas muito solícita e distraída com muitas coisas, quando uma só é necessária. Tua irmã Maria escolheu a melhor parte, a que permanece sempre e nunca lhe será tirada* (cfr. Lc. 10, 38-42). Como se dissesse: A tua ocupação é boa, mas melhor é a de Maria. A ti, muitas coisas te embaraçam, tua irmã escolheu uma só e recolhe-a e guarda-a dentro de si. Tu queres regalar o meu corpo; ela regala a sua alma. O que fazes há-de acabar, o que ocupa Maria, não terá fim. O que ela faz é o que se deve fazer, o necessário, o mais proveitoso. Tudo o resto se deve submeter a isso e preferir. Com isto se afirmou Maria e Marta ensinada e nós instruídos sobre a diferença que há entre a vida activa e contemplativa, da que serve o Senhor nos seus membros e daquela que Deus goza para si mesmo e que todas as coisas devem levar o homem ao proveito e salvação da sua alma.

E que se não deve ter por gente inútil e ociosa, a que se ocupa de dia e de noite a louvar e contemplar a Deus, como o fazem muitos santos religiosos e pessoas devotas. Isso o fazia Madalena que amava o Senhor com um afecto tão aceso e tão veemente que mais vivia o seu espírito com aquele amor que o seu corpo com a sua alma, que lhe dava vida. E o Senhor que é o Autor do nosso amor e nos precede sempre com o seu, assim lhe infundia aquele amor, com que ela o amava. Desse modo, a amava com outro amor infinitamente mais avantajado e perfeito, não só como o Criador à sua criatura, mas também como esposo dulcíssimo à sua Esposa predilecta e, por amor dela, queria bem a Lázaro seu irmão.

Tendo Lázaro caído gravemente doente, Marta e Maria lhe enviaram um mensageiro com a notícia: Senhor, o que amais está enfermo (Jo. 11, 1-47). Elas sabiam que, para Cristo, nosso Redentor, estas únicas palavras bastavam, sem haver necessidade de acrescentar que viesse e o curasse, nem que ordenasse, desde o lugar onde estava, à enfermidade que o largasse e se afastasse de Lázaro. Pois estavam muito convencidas que Cristo as amava ternamente e, por elas, a seu irmão. E que bastava que soubesse da sua necessidade para a remediar, como aconteceu.

Passados dois dias, após o recado de Maria e Marta, veio a Betânia. Marta, sabendo da sua vinda, saiu a recebê-lo e Maria, avisada em segredo por sua irmã e chamada pelo Senhor, pronto se levantou donde estava, deixando muitos que, de Jerusalém, tinham vindo visitá-la e consolá-la da morte do irmão.

Vendo o Senhor diante dos que o seguiam, lançou-se aos seus pés, chorando muitas lágrimas de amor e de dor. O Senhor enteneceu-se de tal modo que, vendo-a chorar, comoveu-se e chorou com ela. Os circunstantes perceberam, pelas lágrimas do Salvador, o

amor grande que tinha àquelas santas irmãs e, por respeito para com elas, ressuscitou o seu irmão Lázaro que tinha morrido há quatro dias e, na sepultura, já cheirava mal.

Que maiores manifestações de amor, poderia o Senhor ter com Maria Madalena, do que tanto se enternecer com ela, e derramar lágrimas ao vê-la chorar e, a seu pedido, ressuscitar Lázaro sepultado há já quatro dias? Que graça, que privilégio tão excelente e singular foi a desta santa pecadora, pois que não somente chorou aos pés de Jesus, mas o próprio Cristo chorou por ela?! Oh lágrimas preciosíssimas do Senhor que bastaram para regar e agraciar a alma da Madalena, para dar vida aos mortos e admirar e edificar toda a Igreja! Por este milagre tão grande e tão esclarecido que o Senhor fez, na presença de tanta gente, ressuscitando Lázaro, muitos acreditaram n'Ele.

E, para que mais se certificassem da verdade do milagre, que Lázaro tinha ressuscitado da morte para a vida, num convite que lhe fizeram de Betânia, Lázaro foi um dos que estavam à mesa, comendo com os demais. Isto aconteceu seis dias antes da Páscoa, em que o Senhor teria de morrer.

Estando a cear e Marta servindo à mesa, Maria tomou uma libra de unguento precioso, feito das espigas de uma erva muito fragrante e aromática que se chama o nardo, o mais fino e, com ternura e devoção, começou a ungir os pés do Salvador e a limpá-los com os seus cabelos. E, quebrando o vaso, para que não restasse qualquer gota, derramou todo aquele suavíssimo licor sobre a sua sagrada cabeça, entendendo que, tudo quanto fazia pelo seu doce Mestre, era pouco. E que tudo o que houvesse de mais rico e maior preço se deveria empregar ao serviço do Senhor de tudo. Ao sentir a fragância daquele unguento perfumado que a Madalena tinha derramado, Judas que estava sentado com os outros apóstolos à mesa, começou a murmurar do que esta santa tinha feito e a dizer que tinha sido um desperdício. E que o derramamento era bem escusado, pois teria sido melhor vendê-lo e dar o dinheiro da receita aos pobres. Mas, como adverte o evangelista S. João, não foi pelo cuidado que Judas tinha dos pobres. Mas para encobrir, com aquela capa de compaixão e hipocrisia, a sua cobiça, com a qual, furtava parte das esmolas que se davam para os pobres, visto que era ele que tinha a bolsa comum e a conta do que se gastava.

Mas o Senhor deu-lhe resposta. Como defendera Maria do fariseu que a rejeitava como pecadora e da sua irmã Marta que a apelidava de ociosa e de pouca caridade, desta vez não só a livrou da falsa compaixão e da sórdida avareza de Judas, mas louvou-a dizendo que a deixassem em paz porque tinha feito uma boa obra. E acrescentou que pobres sempre os teriam, a que deviam fazer bem, mas que a Ele não teriam sempre. E, o que Madalena tinha feito, fora dar-lhe a unção para morrer antecipando o tempo da sua sepultura que já se aproximava, pois que então já não o poderia fazer.

E acrescentou que, em todo o mundo, em que aquele facto fosse anunciado, louvar-se-ia a piedade da Madalena e o seu amoroso e abrasado afecto de caridade, com que se tinha movido a fazer, o que realmente fez. E esta tão acesa caridade foi a causa para que o Senhor aprovasse tanto aquela obra e a defendesse dos que murmuravam da Madalena e a galardoasse com honra e glória perpétua em todo o mundo. Pois que, quanto ao resto, pouco se importava com aquele deleite da sua cabeça e dos seus pés, Aquele que já tinha os pés e a cabeça oferecidos aos cravos e à coroa de espinhos (cfr. Jo 12, 1-11).

Esta mesma caridade levou esta Santa mulher ao Calvário, e a fixou ao pé da cruz do Salvador, para que, aí, o contemplasse nu, atormentado e humilhado, entre dois ladrões, e derramasse mais e mais, lastimosas lágrimas por esses mesmos pecados, vendo o seu Deus padecer pelos seus pecados. Pois que quando regou com elas os pés do Salvador, não sabia ainda o que, aqueles pecados que ela chorava, lhe haviam de custar a Ele. E que, para lavá-los, devia Ele verter mais sangue, do que as lágrimas que tinha ela derramado.

Depois de o terem descido da cruz, ela se abraçou com aquele corpo tão desfigurado. E beijando, com incrível sentimento, as chagas dos pés, das mãos e da cabeça e olhando aqueles olhos divinos obscurecidos, o rosto amarelo e desfigurado, a boca fria e o peito aberto e ensanguentado, trespassada por uma espada de dor aguda, desmaiada e caída, ficou como

morta. Mas voltando a recuperar forças que a dor tirava e o amor lhe dava, revivia e morria, porque não morria e entrava naquele sagrado peito rasgado e no coração do Senhor, para aí morrer com ele. Porque viver sem Ele era morte para ela.

Com este mesmo amor, tendo sido já sepultado, comprou grande quantidade de espécies aromáticas para O unguir no sepulcro e fazer o que não pudera, antes de O enterrarem. E não a afastou a ignomínia da Cruz, nem a escuridão da noite, nem a distância do sepulcro, nem a vigilância dos soldados, nem a raiva dos Príncipes dos Sacerdotes, nem todos os outros perigos, que se lhe opuseram, para a assustar e pôr-lhe obstáculo e temor, desviando-a do seu santo propósito. Veio ao sepulcro com outras santas e devotas mulheres e, não encontrando o Senhor, que procurava, logo, à pressa, foi levar, aos discípulos, a notícia de que não o tinha encontrado. Pedro e João, como mais queridos e fervorosos, correram ao sepulcro e entraram nele. Não encontrando o Corpo do Senhor, regressaram a casa, cheios de medo. E, o mesmo, o fizeram as outras mulheres (cfr. Lc 24, 9-12).

Madalena ficou sozinha e não se afastou daquele lugar onde pensava estar o seu tesouro e todo o bem do seu coração. Entrava na cova do sepulcro e saía. Tornava a entrar e sair. E, fez isto muitas vezes, sem se saciar. Falaram-lhe dois anjos e perguntaram-lhe o que procurava e porque chorava. Mas ela não se satisfiz com a vista, nem com as palavras dos anjos, porque buscava o Senhor dos anjos e só Ele a poderia consolar. Até que, com tal perseverança, mereceu ser a primeira a quem Cristo (segundo a história evangélica), já ressuscitado e glorioso, apareceu, embora em figura de hortelão. E, pensando ela que o era, não tendo reconhecido o Salvador, disse: senhor, se o tirastes daqui, diz-me onde o pusestes que eu o levarei. Nem sequer declarou quem era aquele que buscava, porque como estava tão absorta e tão transmovida em Cristo, pensou que os outros, como ela, tinham os seus corações no que ela tinha o seu. Nem tampouco considerou a sua condição e fraqueza mulheril e que não teria forças para levar o corpo do Salvador. Porque o amor é cego e atrevido e supre, com o vigor de ânimo, a falta das forças do corpo e não repara nas dificuldades, pois todas as coisas lhe parecem fáceis de alcançar o que muito ama e deseja. Mas, o Senhor que é piedoso, expôs-se e chamou-a pelo seu nome. Consolou-a e obsequiou-a com uma inefável alegria e doçura e fez dela apóstola dos seus apóstolos que andavam desaparecidos, diminuídos pelo pavor. E enviou-a a levar-lhes as notícias da sua ressurreição (cfr. Jo. 20, 10-19).

E, embora o Evangelho não o diga, parece não haver dúvida que Madalena esteve presente na subida do Senhor ao céu e também quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos e os cumulou de graças e dons divinos. E o tempo restante que viveu em Jerusalém fora ocupado a acompanhar e servir a santíssima Virgem Maria, nossa Senhora, como mãe do seu Senhor e dulcíssimo Mestre e a visitar e banhar, com copiosíssimas lágrimas, aqueles lugares que o mesmo Senhor tinha trilhado e santificado com a sua vida santíssima e morte preciosíssima. Mas, após a morte de santo Estêvão, protomártir, levantou-se, em Jerusalém, uma grande perseguição à Igreja e, por isso, os discípulos do Senhor, por particular disposição e providência sua, saíram da cidade e espalharam-se por várias terras e províncias a fim de as iluminar com a luz do santo evangelho e doutrina de Cristo.

Que aconteceu à Madalena, após a Ascensão de Cristo?

– E entre os fiéis que os judeus maltrataram, perseguiram com mais raiva e furor Maria Madalena à qual, com os seus irmãos Lázaro e Marta, tinham particular ódio e aversão, pelo idolatrado amor que tinham devotado ao Senhor durante a sua vida e pelo grande apego na sua morte. E, para vingar-se deles, prenderam os três irmãos e Marcela, sua criada¹ e a S. Maximino que fora um dos setenta discípulos de Cristo, e a Celedónio, o cego de nascença a quem o Senhor deu vista, com o lodo que lhe pôs nos olhos e, ainda, ao nobre decurião, José de Arimateia que o depôs da cruz e o sepultou no seu túmulo e a muitos outros cristãos.

¹ Que certa crença difundida lhe atribui aquelas palavras a Jesus: *Feliz o ventre que te concebeu e os peitos que te amamentaram.*

Meteram-nos num navio sem remos, nem velas, nem timão e sem ninguém que o governasse, para que se afogassem e perecessem no mar.

Mas, como contra Deus não há conselho que se cobre, o navio aportou a salvo em França, na cidade de Marselha. Madalena, com aquela bem-aventurada companhia, saltou em terra e, com admirável exemplo da sua vida, palavras do céu e milagres que o Senhor fez por seu intermédio, converteu toda aquela província à Fé em Cristo. E S. Lázaro foi eleito bispo de Marselha, S. Maximino, bispo de Aix-en-Provence, Marta recolheu-se num convento com grande número de donzelas, José de Arimateia (como alguns escreveram) dirigiu-se a Inglaterra e foi o primeiro que naquele reino anunciou o Senhor.

Madalena, depois de ter pregado e convertido à fé cristã o príncipe pagão do lugar e muitas almas, retirou-se de novo para chorar os seus pecados (como se nunca os tivesse chorado) e ocupar-se de dia e de noite, na contemplação do Senhor e deleitar-se com os desejos e suavíssimos afectos com que o Senhor a favorecia. Refugiou-se no ermo de *Sainte-Baume*, isto é, a santa gruta, onde viveu ainda cerca de trinta anos, comendo ervas e raízes de árvores. Nesse lugar, se mostra uma fonte alimentada pelas suas lágrimas². E, como os seus vestidos se rompessem, Deus vestiu-a com os seus cabelos. A sua vida era mais de anjo que de mulher. Por isso, os anjos a levavam ao céu, sete vezes por dia, para ouvir cantos celestes. No fim desses anos, ela própria rogou a um sacerdote que fosse ter com S. Maximino e o avisasse que no domingo seguinte se encontrasse na igreja à hora de matinas. Assim o fez S. Maximino, encontrando Madalena a orar, elevando-se no ar, com as mãos postas para o alto. Deu-lhe o Santíssimo sacramento que recebeu, com maravilhosa devoção e lágrimas, das mãos de S. Maximino. E, pouco depois, entregou o espírito, àquele amorosíssimo esposo e Mestre, a quem, por seus pecados, havia visto, na Cruz, a encomendar-se a seu Pai eterno. Os anjos levaram a alma da bendita Madalena aos céus, com grande júbilo e alegria. O corpo foi aí sepultado e foi sempre tido em grande veneração.

Entretanto, segundo a versão greco-oriental, após a Ascensão do Senhor, ter-se ia retirado com a Virgem e S. João para Éfeso, onde teria morrido e as suas relíquias teriam sido trasladadas para Constantinopla.

A questão das relíquias.

– Sigeberto, na sua crónica, escreve que tendo sido arrasada a cidade de Aix-en-Provence, pelos sarracenos, o corpo da Madalena foi trasladado por Gerardo, conde da Borgonha, para o mosteiro de Viciliaco que ele próprio tinha edificado.

– A lenda, moldada na Borgonha, pelo século XI, evidencia o propósito de justificar a presença e a autenticidade das relíquias de Santa Madalena, na igreja de peregrinação de Vézelay. Maria Madalena tendo embarcado com seus irmãos Marta e Lázaro, ressuscitado, acompanhados pelo bispo Maximino e aportado a Marselha, quando estava para morrer, transportaram-na a Aix-en-Provence, onde S. Maximino lhe deu a última comunhão. Os monges borgonheses de Vézelay não forjaram esta novela em benefício do santuário provençal de Saint-Maximin, como se poderia imaginar, mas com ela, difundiram o boato da trasladação para Borgonha das relíquias de santa Madalena. Os provençais protestaram contra esse rapto imaginário.

Em 1279 espalharam a notícia que o príncipe Carlos de Salerno, que também era conde de Provença, teria sido recompensado com uma aparição de santa Madalena, em que esta lhe revelara que o seu corpo nunca abandonara Saint-Maximin. Mas que, por temor aos piratas sarracenos, o tinham substituído, no túmulo, pelos restos mortais de S. Cedonio de Lindisfarne, cujas relíquias tinham sido levadas para Aix-en-Provence, pelos monges irlandeses de Lérins. E que, por engano, esses eram os ossos, infinitamente menos preciosos, que os borgonheses tinham levado para a sua terra e não os da Madalena.

² As rosas brancas, na Alemanha, chamam-se Magdalenenrosen (Madalenas), porque terão sido descoloridas pelas lágrimas da santa.

Depois desta revelação, Carlos II de Anjou, Rei de Nápoles, mandou abrir o túmulo da santa e aí encontrou, por sorte, o nome de Magdalena escrito pelo próprio S. Maximino num troço de cortiça. Todas as alegações dos monges de Vézelay, imediatamente, se afundaram. E os peregrinos, desenganados, abandonaram Vézelay, para regressar à gruta de Sainte-Baume, de novo, o centro de culto e veneração da santa.

Uma Madalena ou várias?

Cfr.: Mt 27, 56.61; 28, 1 ss; Mc. 14, 1 ss; Mc. 16, 9-11; Lc. 8,2; 10, 38-42; 24,10; Jo. 11, 2. 20. 28; 20, 11-18.

– Todo este suplemento provençal da penitência de Maria Madalena em Sainte-Baume foi tirado da legenda de *santa Maria Egípcíaca*, de maneira que Madalena, que, nos primeiros tempos do cristianismo, se compunha em três pessoas diferentes, na Idade Média, transformou-se num conjunto de *quatro mulheres diferentes*. Pois que a Madalena provençal seria uma religiosa do século VIII, chamada soror santa Madalena, que, após a destruição do seu convento pelos sarracenos, teria vivido dezassete anos na gruta de Sainte-Baume e morrido em Saint-Maximin.

Houve grande dúvida entre os santos doutores se a Madalena, de que falam os evangelistas, foi uma ou mais. Porque não faltam graves autores a afirmarem que são duas: uma a pecadora de que fala o evangelista S. Lucas e outra, a irmã de Marta e de Lázaro. Outros referem ainda três Madalenas. Mas parece que a questão foi, em grande parte, ultrapassada e, o mais provável e mais seguro é dizer que foi uma só, seguindo a opinião mais comum dos santos antigos e escritores modernos. É também este o uso, mais acolhido pela Igreja que no dia de festa da santa Madalena celebra a mulher pecadora e, ao mesmo tempo, diz que foi irmã de Marta e Lázaro. Além disso, se se analisar atentamente as palavras do evangelista S. João, claramente parece que dá a entender ter sido uma mesma a irmã de Lázaro e a que ungiu os pés do Senhor e os enxugou com os cabelos, na casa do fariseu. Pois assim diz o Evangelista: Havia um enfermo, chamado Lázaro, de Betânia, na fortaleza de Marta e Maria suas irmãs. E Maria fora aquela que ungiu com o unguento o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos e cujo irmão Lázaro estava doente³. Ora, por isto, se conclui e se mostra que foi uma só e não muitas Madalenas, apesar de todas as outras razões em contrário.

CULTO

Embora a historicidade iconográfica de santa Madalena não seja, em parte, tão indemonstrável como a de santa Maria Egípcíaca⁴, Thais⁵ e Pelágia⁶, é, com grande vantagem,

³ Cfr. Jo 11, 1-2

⁴ Santa Maria do Egípto ou Egípcíaca viveu em meados do V século e começo do VI. Com 12 anos, saiu de sua casa em Alexandria, e entrou numa vida devassa. Ninguém a detinha perante os muitos sedutores e as muitas tentações circundantes. Assim, passou 17 anos, até que Deus providenciou a sua penitência. Maria juntou-se a um grupo de peregrinos para a Terra Santa. Em Jerusalém, no santo Sepulcro, quando todos entravam livremente, Maria foi impedida por mão invisível. Compreendeu que era Deus que a não deixava entrar por causa da sua devassidão. Com grande temor, deixou-se possuir de um grande desejo de penitência. Diante d e um ícone de Nossa Senhora, implorou a sua intercessão e entrou livremente na igreja. Chorando muito no Santo Sepulcro, saiu da igreja completamente transformada. Retirou-se de Jerusalém para o deserto do Jordão, com três pães e aí viveu em solidão, rezando e jejuando, alimentando-se de tâmaras e bagas. O ancião Zózimo, encontrou a santa Maria no deserto, quando já anciã. Ficou maravilhado com sua santidade. Viu-a levitando e a atravessar o Jordão como em terra firme. Maria pediu a Zózimo que voltasse, dentro de um ano, para dar-lhe a comunhão. Zózimo assim o fez. Um ano depois, encontrou-a morta. O velho Zózimo enterrou o seu corpo no deserto, ajudado por um leão, que com as garras lhe preparou a cova. Faleceu em 521. A sua festa celebra-se a 2 de Abril.

⁵ Santa Thais foi cortesã egípcia convertida ao cristianismo no séc IV, que viveu em Alexandria romana e no deserto egípcio e, actualmente venerada como santa, por coptos, católicos y ortodoxos. Aparece no calendário eclesiástico, com festa em 8 de Outubro. Durante a Idade Média, a história da santa Thais gozou de popularidade. As representações tradicionais de Thais mostram-na em duas cenas diferentes: Queimando os seus tesouros e ornamentos e rezando numa cela conventual, com um rolo em que está escrito: "Tu, que me criastes, tem piedade de mim."

⁶ Pelágia era dançarina de Antioquia, no século V, que cobria o corpo apenas com jóias (daí ser conhecida por Margarita). São Nonnus, bispo de Edessa, passando por ela, exclamou: Esta menina é uma grande lição para nós bispos! Tem mais trabalho para conservar a sua beleza que nós para conservar as almas de nosso rebanho"

a mais popular de todas as pecadoras arrependidas e santificadas. A referida popularidade deve-se ao facto de se lhe atribuir ter conhecido, amado e servido Jesus, que por ela teve a mesma predilecção que por S. João.

Na Idade Média era chamada *a mui santa Senhorita pecadora* e, inclusivamente, a *bem-aventurada amante de Cristo (beata Dilectrix Christi)*. E se venerava como *modelo de penitência*.

Lugares de culto

Em França, os dois centros principais de culto de santa Madalena eram a Provença e a Borgonha, ou, mais precisamente, a gruta de *Sainte-Baume*, junto de Saint-Maximin e a acrópole cluniacense de *Vézelay*. Contava-se que as relíquias tinham sido levadas para Vézelay por Girard de Roussillon, cunhado de Carlos Magno, no século IX. Os assistentes do Tour de França detinham-se sempre ao passar diante da gruta da Sainte-Baume. Como centros secundários podem citar-se Marselha, na Provença e Vernon e Verneuil, na Normandia.

A igreja de Madeleine, em Paris, pretendia ter em posse um fragmento da pele do seu rosto retirado, no lugar onde a tocara Cristo ressuscitado. No século XVIII foi colocada sob sua advocação outra igreja no bairro da Ville l'Évêque, que Napoleão transformou em Templo da Glória e que Luis XVIII devolveu ao culto católico e a consagrou à memória de Luis XVI. A pecadora arrependida, nos tempos da Restauração, converteu-se no símbolo de França arrependida do martírio do seu rei.

A partir da Provença, o culto de santa Madalena passou a Itália, graças os príncipes da Casa de Anjou, que também eram condes da Provença e reis de Nápoles. Tinha culto especial em Senigaglia, perto de Ancona.

Na Inglaterra há numerosas igrejas sob sua advocação. E na Alemanha, cerca de 1215, foi criada a *ordem das penitentes de Santa Maria Madalena*.

É a patrona de cinco paróquias na diocese do Porto.

Patrocínios

Os patrocínios de santa Madalena eram muito numerosos.

Em memória dos preciosos perfumes com que ungira os pés de Cristo em casa de Simão, o leproso ou o fariseu, é patrona dos *perfumistas*. Rábano Mauro Magnentius (780-856, monge beneditino) chamava-lhe *a devota perfumadora de Jesus Cristo*. Pela mesma razão é reivindicada pelos *fabricantes de guantes*, porque a gente elegante, na Idade Média até ao século XVI, usava guantes perfumados com Benjoim ou Janaúba⁷. Por isso, era representada com guantes, nomeadamente aos pés da Cruz. Por causa da forma do vaso dos perfumes, que se assemelhava a um jarro, em Chartres era a santa patrona dos *aguadeiros*, que lhe dedicaram um vitral na catedral. Pelos seus cabelos louros que enxugaram os pés de Jesus Cristo, foi escolhida para patrona pelos *barbeiros e cabeleireiros*. Os *hortelãos*, porque, após a Ressurreição, Cristo lhe apareceu com o aspecto de hortelão. Os *presos* recorriam à sua intercessão. E, libertados, iam pendurar as cadeias diante do seu túmulo, como ex-voto.

Mas, sobretudo, era a patrona das *mulheres arrependidas* ou das prostitutas confiadas a uma ordem de religiosas que, em Itália se chamavam Le Donne Convertite della Maddalena, e em França, simplesmente e, com gentileza, as *Madelonnettes*. O autêntico espelho da penitência (*speculum poenitentiae*), como disse santa Brígida, lavara todas as faltas nos «ribeiros das suas lágrimas». Era, ainda, o refúgio das pecadoras, a quem o seu exemplo incitava a não perder a fé na salvação. Às virgens néscias que desgraçadamente ignoravam o latim, dirigia esta exortação inscrita numa filactéria: «*Ne desperetis vos, qui peccare soletis: exemplo meo vos reparate Deo.*»

Converteu-se, foi baptizada e fez-se penitente, com máscara masculina, conhecida por Pelágio. Na hora da morte reconheceram que era mulher. São João Crisóstomos, natural da Antioquia escreveu duas homilias em sua honra saudando a sua coragem que ele atribuía a inspiração divina.

⁷ Creme usado na pastelaria.

Um pregador, quando se dirigia às suas paroquianas, exortava-as a seguir o exemplo desta santa, que se tinha remido mediante a penitência dos seus pecados da juventude: «Mulheres mundanas, talvez voluptuosas, aprendei a retornar dos vossos descaminhos, como a Madalena».

No Tirol, nome de baptismo Madalena, era dado às filhas naturais, nascidas fora do matrimónio. Não era uma santa taumaturga. Não obstante, a almofada de pedra da gruta da Sainte-Baume, que se conserva na abadia de S. Victor de Marselha, se considerava eficaz para curar a febre.

Diferentemente de muitas santas que se eclipsaram, após a Reforma, a sua persistente popularidade no século XVII está provada por uma abundante literatura madalenense, em prosa e em verso. Os poetas devotos rimaram *Magdaleidas* e *Magdaliadas*, segundo os modelos da *Iliada* ou da *Franciada*⁸. Foi celebrada pelo austero cardeal de Bérulle, fundador do Oratório, como a amante mística cujo coração se derreteu aos pés de Jesus como bola de neve ao sol.

Não obstante, a Igreja de Paris deixou-se influenciar pelo cepticismo dos teólogos do século das luzes que já não aceitavam a identidade da pecadora de Magdala, com a irmã de Marta e de Lázaro. O Breviário do cardeal de Noailles estabelece duas datas diferentes: para Maria de Betânia 19 de Janeiro, para Maria Madalena, 22 de Julho.

ICONOGRAFIA

As características e os atributos de santa Madalena permitem reconhecê-la facilmente, ainda que, por vezes, se possa confundir com santa Maria Egípcíaca, que adoptou certas aparências da sua legenda. Por exemplo, a *larga cabeleira solta* que lhe serve de vestido em Sainte-Baume, faz lembrar a da cortesã penitente da Tebaida.

O mais antigo atributo, típico e constante é o *vaso dos perfumes* em alabastro ou ourivesaria, cujo conteúdo derrama sobre os pés de Jesus ou o que levava ao Santo Sepulcro com as outras duas *Santas Mulheres*. O referido vaso aparece fechado, mas por vezes, com a tampa levantada.

A sua veste, naturalmente varia, conforme se represente antes ou depois da penitência. No período mundano da sua vida, exhibe roupas de cortesã (*in habitu meretricio*). No rico atavio que lhe atribuirá a representação dos autos sacramentais ou teatro dos Mistérios, usava um penteado insinuante, brincos nas orelhas, mangas de faca e guantes, que o Mestre de Colónia do retábulo de S. Bartolomeu, inclusivamente representa assim (com extravagância) junto à Cruz⁹. Recolhida em Sainte-Baume, vê-se deitada e seminua ou vestida com um manto dourado pelos seus cabelos compridos e louros, de modo que, apesar da caveira diante da qual medita, resulta geralmente menos casta na penitência que nas suas extravagâncias.

A partir do Renascimento, a maioria dos pintores viram no tema da Madalena, despojado de todo o carácter religioso, um pretexto para excitar a estafada sensualidade dos leitores de *A Religiosa* de Diderot ou as *Memórias* eróticas de Casanova.

Figuras

As representações isoladas de santa Madalena podem reduzir-se a dois tipos: o da *Unção e a Arrependida*. A primeira tem, como atributo, um vaso de perfumes, a segunda uma caveira ou a coroa de espinhos. A arte da Idade Média preferiu a perfumadora, isto é, a Madalena com o vaso de perfume, e a arte barroca, da Contra-reforma a Madalena arrependida.

Madalena com o vaso de perfume

It.: Maddalena con il vaso di unguenti. Fr.: La Myrophore. Ingl.: Magdalena holding the jar of ointment. Al.: Magdalena mit der Salbenbüchse, dem Salbgefäß.

As Madalenas pintadas ou esculpidas, com o vaso de perfume, são tão numerosas que nos limitamos a alguns exemplos.

⁸ P. Pierre de Saint Louis, A Magdaleide no deserto da Sainte-Baume, 1680.

⁹ Possivelmente por ser patrona dos fabricantes de guantes que pagaram o retábulo (?). Esse refinamento de extravagância coquete no Calvário fica deste modo ressalvado.

Século XII: Estátua procedente do túmulo de S. Lázaro na catedral de Autun, c. 1100. Museu Rolin. Autun. / **Século XIII:** Estátua no átrio da catedral de Münster. / **Século XIV:** Estátua adossada a um contraforte da ábside da catedral de Bordéus. / **Século XV:** Antonio da Briosco. Estátua de mármore, 1414. Catedral de Milão. - Estátua de tipo borgonha. Igreja de Saint Geosme (Haute Marne). - Estátua de pedra policromada. Capela do castelo de Châteaudun, c. 1464. A cabeleira comprida da santa cai em cabelos encaracolados sobre os seus ombros. Tem nas mãos uma caixa de perfumes. - Estátua da igreja de Saint Pierre de Montluçon. Está representada como uma jovem da região de Berry, com a cabeça coberta por um véu e cintura entalhada em justilho com orla de pele. - Estátua da escola de Michel Colombe. Igreja de Limeray (Indre et Loire). Tem a cabeleira solta e, com a mão direita abre o manto que deixa ver um espartilho bem apertado à cintura. - Santo Sepulcro de Monestiès (Tarn), c. 1490. - Simon Lainberger. Estátuas talhadas em madeira da igreja de S. Jorge de Nördlingen e de Biengen (Suíça). - Estatueta de madeira. Santa Madalena de pé, com o vaso de perfume na mão. Museu de Arte e História. Bruxelas. - Mestre do retábulo de Sterzing. Pintura, c. 1450. A santa está tocada com um turbante oriental. Oberlin College (Ohio). - Carlo Crivelli. Pintura. Museu de Berlim. / **Século XVI:** Estátua de pedra da escola de Champanha, chamada *La Castellana* (Châtelaine). Igreja de Génicourt sur Meuse. O cabelo comprido da santa flutua sobre os ombros. Tem um livro e um vaso de perfume nas mãos. - Estátua flamenca de madeira. Museu de Cluny. - Quentin Metsys. Museu de Amberes.

A Madalena arrependida

Lat.: Maria Magdalena poenitens, Magna Peccatrix. **It.:** Maddalena penitente, contrita. **Fr.:** Madeleine la Pénitente. **Ingl.:** The Penitent Magdalen, the repentant Sinner, the Penance of Magdalen, St. Mary Magdalen with the skull, in the wilderness. **Al.:** Die Büsserin, die büssende Magdalena; Die reuige Sünderin. **Hol.:** De boetvaardige Magdalena. **Rus.:** Kaiouchtciasa Magdalina.

Por vezes tem um cupido vencido e prostrado a seus pés.

Século XIV: Estátua. Colegiada de Écouis, c. 1310. Está coberta pela sua cabeleira. / **Século XV:** Donatello. Estátua de madeira. Baptistério de Florença. O presidente de Brosses escreve com graça, a propósito desta Madalena seca, negra, descarnada e sem cabelo, «que ela lhe fez sentir asco pela penitência para sempre». - Gregor Erhart. Estátua de madeira policromada. A penitente nua tem como único vestido a sua comprida cabeleira dourada. Louvre. / **Século XVI:** Timoteo Viti, 1508. Bolonha. - Tiziano, 1530. Gal. Pitti, Florença e 1566, Ermitage, S. Petersburgo. - Lucas de Leyden. Gravado. - G. Horebout, *Hortulus animae*. Biblioteca Viena. Reza numa gruta subterrânea donde emerge o seu busto. - Breviário Grimani. Biblioteca Marciana, Veneza. / **Século XVII:** François Duquesnoy. A Madalena deitada, mármore. Museu de Bruxelas. - G. Poussin. Museu do Prado. - Georges de La Tour. A Madalena com espelho e a Madalena com uma lâmpada de noite e uma caveira no regaço. - Santerre. A Madalena no deserto. Igreja de Belloy en Vexin. - Le Hongre. Tondo de mármore. Igreja de Notre Dame, Versalhes. - Pedro de Mena. Estátua de madeira policromada. Convento das salesianas reais de Madrid. Vestida com uma túnica de esparto, golpeia o peito, enquanto contempla um crucifixo. - Cristoforo Stati. A Madalena sentada, tem a mão direita apoiada sobre uma caveira. Igreja de Sant' Andrea della Valle. Roma. / **Século XVIII:** Joh. Paul Seitz, estátua, 1765. Museu Alemão, Berlim. A pecadora tem uma caveira. - Adrian van der Werff. Galeria Dresde. A penitente, quase nua, numa paisagem montanhosa, poderia perder um santo. / **Século XIX:** Canova, estátua. Palazzo Bianco, Génova; villa Carlotta, em Cadenabbia e Ermitage de S. Petersburgo. Ajoelhada junto a uma caveira, inclina-se para a cruz que tem nas mãos. - Marochetti. Estátua que decora o altar-mor da igreja da Madeleine, em Paris. O conde de Rambuteau, prefeito do Sena no reinado de Luís Felipe, achava «esta Juno colossal, de opulentas formas, menos adequada para inspirar a penitência que o pecado».

Grupos

Maria Madalena costuma fazer parceria com santa Maria Egípcíaca, por exemplo nas *Fontes de vida* ou *Fontes de Remissão* (Font Pietatis). As duas pecadoras, de pé de ambos os lados de Cristo na cruz cujo sangue se derrama numa pia lustral, mostram que o sangue de Cristo pode lavar.

Século XV: Artista primitivo de Avinhão. As duas pecadoras molduram a Fonte da Redenção. - Quentin Metsys. As duas pecadoras estão de joelhos, com as mãos unidas, vestidas apenas com os seus cabelos, cada uma com seu atributo: o vaso de perfume (Madalena) e os três pães (Maria Egípcíaca). Coleção Johnson, Filadélfia. / **Século XVI:** Fresco da igreja de Saint Mesme, Chinon. / Alguns quadros célebres representam a Madalena associada com outras santas, especialmente com a *santa Cecília* de Rafael (Bolonha), a *Virgem com são Jerónimo* (Parma) e as duas irmãs, Marta e Madalena entre são Pedro e são Paulo (Museu Metropolitano de Nova York) de Correggio. E num belo quadro do Museu de Estrasburgo, Konrad Witz representa-a sentada junto a santa Catarina, numa galeria do claustro da Catedral de Basileia.

Ciclos

Século XIII: Vitral da catedral de Chartres, doação dos aguadeiros. - Vitral. Catedral de Auxerre. - Mestre da Madalena. Academia Florença. / **Século XIV:** Escola de Giotto. Fresco da capela da Madalena na igreja inferior de Assis, c. 1305. - Vitral da basílica de Assis. - Fresco da capela do Palácio da Podestá (corregedor). Florença. - Giovanni da Milano. Frescos da capela Rinuccini, 1366. Igreja da Santa Croce, Florença. / **Século XV:** Escola provençal. Frescos da igreja de Santa Maria de Pontresina (Haute Engandine). - Lucas Moser. Retábulo de Tiefenbronn, 1431. O retábulo, apoiado sobre uma predela, tem a forma de tímpano. No remate curvilíneo, o artista representou a Refeição em *casa de Simão, o leproso*. O corpo do retábulo está dividido verticalmente em três

painéis paralelos: 1. À esquerda, Madalena com Marta, Lázaro e o bispo Maximino, amontoados numa pequena barca, sem velas, nem timão, chegam ao porto de Marselha. / 2. Ao centro, ninguém terá querido recebê-los, os viajantes descansam, debaixo de um tejadilho, da fadiga da viagem. Madalena aparece na habitação onde dormem o príncipe e a princesa de Marselha, a quem acusam de ter deixado morrer à fome e ao frio aqueles que serviam a Deus. / 3. À direita, Madalena, penitente, levada pelos anjos, recebe a última comunhão do bispo Maximino. Este retábulo suabo, pintado para o convento de Hirsau, fundação da ordem de Cluny, ilustra quase exclusivamente a legenda *provençal* de santa Madalena forjada em Vézelay. - Botticelli. Retábulo da igreja das Mulheres Arrependidas (Convertite) de Florença, encomendado c. 1471, por Lourenço de Médicis. O painel central, que representa a santa Madalena de pé junto à Virgem, conserva-se na América do Norte, na colecção Johnson de Filadélfia. Aí se vê a cena da Refeição em casa de Simão, o leproso, a do Noli me tangere e a Última Comunhão da Madalena confundida com a de santa Maria Egípcíaca. – Tilman Riemenschneider. Retábulo de Múnsterstadt, 1490. - Vitral da igreja de Sablé (Sarthe). A pecadora está representada na primeira cena em túnica de púrpura e a cauda é levada por uma criada. Com um colar de ouro ao pescoço. Três adolescentes oferecem-lhe flores. A Refeição em casa de Simão, o leproso. A Aparição de Cristo Hortelão. La legenda provençal ocupa a maior parte do vitral. O mesmo se pode ver no retábulo de Tiefenbronn. A santa embarca com seu irmão Lázaro e sua irmã Marta, acompanhados pelo bispo Maximino. Chegam a Marselha, abrigam-se no átrio de um templo. Madalena converte o rei e a rainha que saem em peregrinação para Roma. A rainha e o infante morrem numa ilha deserta. O rei encontra-os vivos. Madalena retira-se na gruta da Sainte Baume; recebe a última comunhão das mãos de Maximino; a su alma é levada ao céu pelos anjos. / **Século XVI**: Retábulo da abadia de Dilligheim. Museu de Bruxelas. Ao centro, a Refeição em casa de Simão, o leproso, onde a Madalena enxuga, debaixo da mesa, os pés de Jesus; à direita, a Ressurreição de Lázaro; à esquerda, o Arrebatamento de santa Madalena arrependida. – Mestre da legenda de santa Madalena, aluno de Van Orley, que Hulin de Loo identificou com B. van der Stockt. Museu de Bruxelas. O ciclo representa Madalena antes da sua conversão, vindo da caça com um falcão ao punho puno, a Refeição em casa de Simão, o leproso, a Ressurreição de Lázaro e a Conversão do príncipe de Marselha. -Vitral em Rigny le Ferron (Aube).

Cenas

Para as cenas da legenda de santa Madalena vinculadas com a vida e a Paixão de Cristo, remetemos para a *Iconografia do Novo Testamento* (Tomo I. Volume 2). As principais são a Refeição em casa de Simão, o leproso. Jesus em casa de Marta e de Maria de Betânia, a Ressurreição de Lázaro, Madalena junto à cruz e a Aparição de Cristo hortelão (Noli me tangere).

Madalena antes da sua conversão

Fr.: *La Mondanité de Marie-Madeleine*¹⁰. Ingl.: *The Dance of Mary Magdalen*. Al.: *Maria Magdalena beim Tanz und auf der Jagd*.

Estas cenas, que não se mencionam no Evangelho, explicam-se pela encenação dos autos sacramentais, especialmente o Mistério da Paixão, de Jean Michel. Vai à caça com um falcão no punho e executa um passo de dança, então a santa «preferia os bailes e os violinos» aos sermões.

Século XV: Vitral de Notre Dame de Sablé. Madalena, entregando-se aos prazeres mundanos, forma par com a Madalena arrependida de Sainte Baume. / **Século XVI**: Mestre da Legenda de Maria Madalena, Museu Bruxelas. - Lucas de Leyden. Gravado, 1519. Em primeiro plano, pode ver-se montada a cavalo, caçando um veado com um grupo de alegres companheiros.

Marta reprovando os custos da coquetaria de sua irmã

Século XVII: Carlo Saraceni. Museu de Nantes.

Madalena renunciando às suas jóias

Ingl.: *Magdalen laying aside her jewels, renouncing the vanities of the world*. Fr.: *Madeleine se dépouille de ses bijoux*.

Século XVI: Paolo Veronés. Nat. Gall., Londres. / **Século XVII**: Lebrun. Santa Madalena abandonando os hábitos mundanos. Louvre.

A legenda provençal

Madalena desembarcando no porto de Marselha

It.: *Arrivo nel porto di Marsiglia, della barca guidata dagli angiuoli*. Fr.: *Le Débarquement dans le port de Marseille*. Ingl.: *The Landing at Marseilles*. Al.: *Die Fahrt über Meer und Die Landung im Hafen von Marseille*.

Após a Ascensão de Cristo, Madalena embarca na Palestina, com os irmãos Marta e Lázaro, num barco sem vela, nem remos nem timão, conduzido milagrosamente por um anjo. A embarcação atinge as costas provençais, no antigo porto de Marselha.

Século XIII: Vitrais das catedrais de Chartres e Auxerre. / **Século XV**: Lucas Moser. Magdalenenaltar de Tiefenbronn, 1431. / **Século XVI**: Gaudenzio Ferrari. Fresco na igreja de San Cristoforo, Vercelli (Piamonte). / **Século XVIII**: Vien. Salão de 1753.

¹⁰ *La Mondanité de Marie-Madeleine* é o título de uma cena do Mistério da Paixão, de Jean Michel, representada em Angers em 1496. *Mondanité* é aqui sinónimo de vida mundana e dissipada.

A primeira noite em Marselha

Fr.: *La première nuit à Marseille.* **Al.:** *Die erste Nachtruhe nach der Landung.*

Os viajantes fatigados adormecem debaixo de um coberto às portas da cidade. Em sonhos, aparece a Madalena a mulher do príncipe que estava a dormir no seu palácio, que lhe diz: Porquê, sendo rica e servindo a Deus, te deixas aí a morrer de fome e de frio? E, ameaçada com a cólera de Deus, a princesa, aterrada, oferece-lhes hospitalidade.

Século XV: Lucas Moser. Retábulo de Tiefenbronn, 1431.

*Madalena evangeliza a povoação de Marselha*¹¹

Fr.: *Madeleine évangélise le peuple de Marseille.* **Al.:** *Magdalena predigt in Marseille.*

Século XV: Baixo-relevo na Cartuxa de Pavia.

A peregrinação do príncipe de Marselha

Fr.: *Le pelerinage du prince de Marseille.*

Convertido por santa Madalena, o príncipe de Marselha embarca com a sua mulher grávida para Roma e Terra Santa. Durante a viagem, a princesa tem parto prematuro e morre. Depositam o seu cadáver numa ilha rochosa. Ao regressar, no recife onde deixara os restos mortais, o príncipe encontra vivos a sua esposa e o seu filho. Esta legenda novelesca assemelha-se à de Santo Eustáquio, que perde a sua mulher e seus dois filhos e recupera-os milagrosamente quando os julgava perdidos para sempre. Só raramente, na arte da Idade Média, foi este tema ilustrado pelos pintores italianos do século XIV.

Século XIII: Vitrais das catedrais de Chartres e Auxerre. / **Século XIV:** Frescos de Giotto na igreja inferior de Assis. - Giovanni da Milano. Frescos da capela Rinuccini. Igreja da Santa Croce, Florença.

A penitência de Madalena na gruta da Saint-Baume

Fr.: *La Pénitence de Madeleine à la Sainte Baume, la Magdeleine dans le désert.* **Ingl.:** *The Penance of the Magdalen in the Wilderness.* **Al.:** *Die büssende (reuige) Magdalena in der heiligen Höhle.* **Hol.:** *Maria Magdalena in de Eenzaamheid.*

Este tema, edificante e voluptuoso ao mesmo tempo, devoto e galante, é junto com a Refeição em casa de Simão o leproso e o *Noli me tangere*, o que se encontra com maior frequência na iconografia de santa Madalena. Pouco tratado pela arte da Idade Média, se tornou muito comum a partir do Renascimento e na arte da Contra-reforma. Procura-se justificar a nudez da santa com piedosos pretextos. Nesse sentido, um sacerdote jesuíta escreveu que ela ardia de amor a Deus, a ponto de não suportar roupa alguma. A bela pecadora arrependida, seminua e com o cabelo solto, é evocada na gruta, meditando diante de uma caveira, um crucifixo ou a coroa de espinhos de Cristo. Este austero marco não tira nada à sua sedução, o seu corpo não aparece descarnado, nem desvigorado. Aparece, quer deitada sobre uma esteira, como uma odalisca, quer ajoelhada diante de um crucifixo. Neste último caso, o modelo empregue é o da *Penitencia de S. Jerónimo* no deserto. As lágrimas correm pela sua face. A contaminação com a iconografia de *Santa Maria Egípcíaca* nota-se na cena onde pede roupa a um ermitão para cobrir a sua nudez. Como personificação da penitência, costuma emparceirar com outros pecadores salvos pelo arrependimento: o rei David, S. Pedro e o Bom Ladrão. Este tema gerou a alegoria, chamada *Vanitas*, origem do género da natureza morta.

Século XV: Breviário Grimaldi. Biblioteca Marciana, Veneza. Sentada diante da sua gruta, mostra-se envolta num manto, deixando ver os seus peitos nus. / **Século XVI:** Correggio. Galeria Dresde. A Madalena, deitada na gruta, está a ler. - Tiziano. Quadro pintado para o imperador Carlos V. A pecadora está representada em meio corpo, envolta pelos seus cabelos, debaixo dos quais assomam os seus peitos nus. Em vez de se arrepender, parece desvalorizar a sua vida passada. Galeria Pitti. Florença. - Tintoretto. Institute of Arts, Detroit. - Gaspar Becerra. Museu do Prado. - Timoteo de lia Vite. A Madalena em oração à entrada da gruta. Pinacoteca Bolonha / **Século XVII:** Guercino. Pinacoteca Vaticana. Os anjos mostram-lhe os cravos e a coroa de espinhos. - Francesco Furini. As lágrimas arrasam as bochechas da santa. Museu Viena. *A penitente nua*, Palacio Pitti, Florença. - Guido Cagnacci. Museu Viena. - Ribera. Museu do Prado. - Rubens. Pinacoteca Munich e Galeria de Sans Souci, Postdam. - G. de Crayer. A pecadora arrependida corta o cabelo com uma tesoura. Museu Valenciennes. - Abraham Blomaert, 1619. Museu de Nantes. - Adrien van der Werff. Louvre. Madalena está sentada num pequeno vale arborizado, folheando um livro. Suas roupas ligeiras, de banhista, fazem pensar mais na leitura de uma novela de amor que na Bíblia. / **Século XVIII:** Pompeo Batoni. Dresde. - C. Vanloo. quadro pintado para a igreja de Saint Louis du Louvre. Salão de 1761. / **Século XIX:** Henner. Variação sobre um tema de Correggio. Museu de Colmar.

Os êxtases de santa Madalena

Lat.: *Assumptio Magdalena.* **Fr. Arc.:** *L'Extase ou la Lévitación de la Madeleine.* **Fr.:** *Les Ravissements de Madeleine.* **It.:** *Assunzione, Traslazione dei corpo della Maddalena, Maddalena trasportata in alto degli Angioli.* **Ingl.:** *The Ecstasy (Levitation) of St. Mary Magdalena, She is carried up in the hands of Angels.* **Al.:** *Verzückung der hl. Magdalena; Magdalenas Erhebung (Auffahrt). Magdalena von Engeln zum Himmel getragen, Die Himmelfahrt der Magdalena, Die Entrückung Magdalenas durch Engel.* **Hol.:** *De Verruking von Maria Magdalena.* **Rus.:** *Magdalena nesomaia angelami.*

¹¹ Um tema ainda mais infrequente é Santa Madalena pregando no deserto, como S. João Baptista, apoiada num travessão entre duas árvores. Mestre da Legenda de santa Madalena, coleção Johnson, Filadelfia.

Durante a sua penitência na Sainte-Baume, os anjos a arrebatavam da terra *sete vezes por dia* e a transportavam ao Paraíso onde ouvia os coros celestes. Um sacerdote, assombrado por estos arrebatamentos quotidianos, descobriu o seu retiro. Ela revelou-lhe a graça divina que era privilégio seu. Por lo tanto no se trata de uma *Assunção* (Assumptio Magdalенаe) análoga à da Virgem, que teve lugar uma só vez, depois da sua morte, mas de *arrebatamentos* que se produziam regularmente varias vezes por dia e, depois dos quais, os a traziam de volta à terra. Este tema surgiu no século XII, num baixo-relevo da catedral de Autun, pero só se tornou frequente sobretudo, no século XVI, na arte da Contra-reforma, que se compraz com cenas de êxtase místico. A Magdalena, meio desmaiada, como morta, abandonando-se nos braços dos anjos, recorda o *Desvanecimento* de santa Catarina de Sena ou a Transverberação de santa Teresa de Ávila. A representação desta cena é copiada da Assunção da virgem, mas certos pormenores são tirados da iconografia de santa Maria Egipcíaca. A Magdalena reconhece-se pela mata de cabelo ruivo que cobre a sua nudez, deixando todavia os peitos, os joelhos e os pés nus. Esta imagem serviu de modelo na representação do atavio das «mulheres selvagens» (Wildfrauen), na tapeçaria medieval, por exemplo, na famosa tapeçaria do *Baile dos Ardentes* em Saumur¹².

Século XII: Gislebert. Capitel de pilastra, c. 1550. Museu de Autun. O arco no meio da abóbada, evoca a gruta da Sainte-Baume. Dois anjos elevam a Madalena por baixo dos braços para arrebatá-la ao céu. É o mais antigo exemplo conhecido do tema. / **Século XIII:** Vitrais borgonheses de Semur nas localidades de Auxois e Auxerre. / **Século XIV:** Paolo Veneziano. A Madalena, coberta com a sua longa cabeleira e um medalhão sobre o peito com a imagem de Cristo, é elevada por dois anjos. Museu de Worcester. Por erro, viu-se nisso uma pretendida Assunção de santa Maria Egipcíaca. / **Século XV:** Tilman Riemenschneider. Retábulo de Münnerstadt, 1490. Museu Nacional Bávaro, Munique. A santa tem os peitos e os joelhos descobertos. - Retábulo da escola de Friedrich Pacher, 1498. Igreja de Lienz, Tirol - Miniatura do Livro das Horas Sforza. Museu Britânico. Londres. / **Século XVI:** Lorenzo di Credi. Coleção Sterbini, Roma. - Dürer. Gravado. Um ermitão observa a ascensão da santa. - Lucas Cranach. Gravado. - Escultura do retábulo de Tiefenbronn, 1525. - Miniatura francesa. Coleção J. Masson. Biblioteca da Escola de Belas Artes, Paris. / **Século XVII:** Simon Vouet. Museu Besançon. Quadro gravado por Tortebat. - Claude Mellan. Gravado. - Rubens. Quadro pintado para a igreja dos recolhidos de Gante. Museu Lille. - Ribera, 1626. Academia de S. Fernando, Madrid. - José Antolínez, Museu do Prado. / **Século XIX:** Marochetti. Grupo de mármore sobre o altar-mor da igreja de Madeleine, Paris. Os anjos que dançam numa roda à volta da santa Madalena, assemelham-se um pouco às bailarinas do teatro da Ópera, próximo do templo.

A última comunhão da Madalena

It.: La ultima Comunione della Maddalena. **Fr.:** la dernière Communion de sainte Madeleine. **Ingl.:** The last Communion of the Magdalena. **Al.:** Die letzte Kommunion der hl. Magdalena, Die Kommunionsspende durch Bischof Maximin.

Santa Madalena pede a um sacerdote que descobrija o seu lugar de retiro, que avise o bispo Maximino de Aix-en-Provence, que no dia de Páscoa, os anjos a transportarão ao seu oratório para que receba a comunhão. A santa moribunda, cujo corpo os anjos seguram pelos braços, ajoelha-se diante do bispo Maximino que lhe oferece a hóstia. Imediatamente após a comunhão, o seu corpo tomba diante do altar e a sua alma ascende para o Senhor. Esta cena está concebida da mesma forma das Últimas comunhões de S. Jerónimo e de S. Francisco de Assis, que inspiraram obras-mestras a Dominichino e a Rubens. Às vezes, os dois temas, o *Êxtase* e a *Comunhão*, aparecem combinados. Lorenzo da Credi representa santa Madalena elevada ao céu enquanto um anjo desce para ela com um cálice.

Século XIII: Vitral. Semur em Auxois. / **Século XIV:** Mestre da Madalena. Academia Florença. - Lucas Moser. Retábulo de Tiefenbronn, 1431. - Tilman Riemenschneider. Postigo do retábulo de Münnerstadt, 1490. - Alessandro Allori. Palazzo Salviati, Florença. / **Século XV:** Fresco datado de 1445. Capela de Saint Lazare, na igreja dos celestinos de Avinhão (destruída em 1850). / **Século XVII:** Francesco Vanni. Igreja de Santa Maria de Carignan, Génova. - Jerónimo Jacinto Espinosa, 1665. Museu de Valencia.

Enterramento de santa Madalena

Fr.: La Mise au tombeau de sainte Madeleine. **Ingl.:** The Burial of the Magdalen. **Al.:** Das Bergräbnis Magdalenas.

Século XIII: Vitral de Chartres. / **Século XV:** Tilman Riemenschneider. Postigo do retábulo de Münnerstadt, 1490. Os três anjos ajudam o bispo Maximino a colocar o cadáver num sarcófago. A pecadora arrependida, vestida com um velo frisado que cobre a sua nudez, leva as mãos unidas sobre o peito.

A invenção das relíquias de santa Madalena

Século XIII: Vitral de Semur em Auxois.

A absolvição da Madalena no Juízo Final

Século XIX: Hector Lemaire. Frontão da igreja da Madeleine. Cristo Juiz absolve a pecadora ajoelhada a seus pés, símbolo da França arrependida, culpável da morte de Luís XVI.

Cfr. Padre Pedro de Ribadeneyra, *Flos Sanctorum*, t. II, p. 349-355, Barcelona 1790
Louis Réau, *Iconografia del arte cristiano*, tomo 2 Vol. 4, pp. 293-306, ed. Del Serbal, Barcelona 2001
Rosa Giorgi, *Les Saints, Répères iconographiques*, Guide des Arts, Ed. Hazan, Paris, 2004, pp. 249-258
Trad. Organ. Interpr. MA

¹² Essas "*feminae toto corpore hirsutae*" (mulheres desgrenhadas de corpo inteiro) eram desgraçadamente muito combustíveis e a mascarada acabava tragicamente em chamas.